

DIRETORES

Escola Superior de Agricultura do
Estado de Minas Gerais

Prof. Nello de Moura Rangel
Prof. Geraldo G. Carneiro
Prof. Octavio A. Drummond
Prof. Joaquim F. Braga
Prof. Edgard de Vasconcellos
Prof. Arlindo P. Gonçalves

VIÇOSA — E. F. Leopoldina

EXCURSÃO A RESPLENDOR E AO CONTESTADO

O. A. DRUMMOND

(Do Departamento de Biologia)

Em Julho de 1942, de combinação com a diretoria da ESAV e a prefeitura de Resplendor, o departamento de Biologia desta Escola organizou uma excursão às regiões do Contestado e do Resplendor. Tomaram parte nesta excursão os profs. F. Vanetti e C. Schlottfeldt, (Entomologia e Zoologia); P. Alvim e Chotaro Shimoya (Botânica); O. Drummond e J. Alencar (Micologia); José de Castro e Manoel Cardoso, preparadores. É digno de registro o enorme auxílio que nos foi prestado pelo dr. Alexandre Alencar, muito digno prefeito de Resplendor, que nos forneceu estada, tropa, guia e condução por automóvel. Ao prefeito de D. Silvério nos confessamos também muito gratos, por nos haver facilitado no percurso D. Silvério a S. José da Lagoa. À Diretoria da ESAV, agradecemos também a cooperação que nos prestou.

Saimos de Viçosa no dia 2 depois do almoço, pelo misto e chegamos a D. Silvério já noite. Ai pernoitamos num bem aseado hotel e no dia seguinte alcançamos S. José da Lagoa, numa «perúa». Neste percurso, é digno de nota a cidade de S. Domingos do Prata, sede do município e característica por constar quasi que de uma só rua, muito longa e acidentada. Cidade nascida à beira de caminho de tropa. Outro ponto de registro, neste percurso, é a fazenda do ex-aluno nosso, Paulo Rola Perdigão, de belo aspecto, mostrando-se a quem passa na estrada, modelarmente organizada.

S. José da Lagoa mostra o mesmo característico de cidade muito antiga e nascida ao longo da estrada. Dar-lhe, atualmente, um traçado urbano será certamente um motivo

de dor cabeça para quem se meta a tal, pois não ha 50 ms. de alinhamento recto nas ruas e o terreno é muito irregular. Situada á margem esquerda dum dos maiores afluentes do rio Doce, o rio Piracicaba, mostra aspecto interessante e original.

À meia noite tomamos o noturno que, vindo de B. Horizonte, vai até Vitória, numa viagem de 24 horas, fazendo um percurso de 756 Kms.

A E. F. C. B. termina na estação seguinte, Desembargador Drumond, onde principia a Vitória-Minas.

Amanhecemos já perto de Figueira, atualmente Governador Valadares. Os nomes das cidades nesta região estão mudando, ás vezes mais de uma vez, como aconteceu com Presidente Vargas, antiga S. José da Lagoa e hoje Nova Era. Alguns comerciantes precavidos costumam por todos os nomes nos sobrescritos de suas cartas, por via de dúvidas.

Figueira mostra-se em franco progresso, com muitas construções novas e grande movimento. A região é pouco acidentada mostrando-se aí o vale do rio Doce com várzeas planas a perder de vista. De Governador Valadares parte a importante estrada de automovel para Teófilo Otoni e aí já está chegando a Rio-Baia, vindo de Caratinga. Será então o ponto de união de 4 grandes artérias de comunicação, ligando-se diretamente a Teófilo Otoni, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória.

Às 11 horas chegamos a Resplendor. A cidade ainda é pequena mas já mostra um apreciável movimento comercial, possuindo boas instalações urbanas, luz elétrica e devido a ser nova, está-se desenvolvendo segundo plano pre-estabelecido (fig. 1). A cidade espalha-se nas duas margens do rio Doce, ficando à margem esquerda a parte menor, mas muito comercial. A comunicação entre as duas é feita por 5 balsas fluviais e por numerosas barcas pequenas, tocadas a remo, conhecidos por «lanchas». O rio é largo, medindo cerca de 200 ms. na parte mais estreita. Sua profundidade varia muito, sendo comum formarem-se extensos baxios, que mudam de lugar de dia para dia. Numerosas ilhas quebram a monotonia do curso, havendo algumas com vários hectares de superfície. Defronte da cidade, contudo, o rio se estende calmo e largo, apenas pontilhado aqui e ali pelas rápidas lanchas.

O município de Resplendor teve sua organização judicial muito recente, tendo sido desembrado do de Aimorés, em 1938. Com 4 anos apenas de idade, já apresentou, em 1941, uma arrecadação tributária de 1.162 contos de réis, para os cofres municipais e estaduais (365 para os primeiros e

797 para os segundos). Antes de sua separação de Aimorés, esta região nunca apresentara sinais desta renda, o que era justificável pelo enorme tamanho daquele município, que tinha então, uma administração menos intensiva. Este mesmo fenômeno foi observado em outros municípios desmembrados, mostrando o acerto de tal medida administrativa. A exportação, do município de Resplendor em 1941, subiu a 8.400 contos e a importação, a 4.569. Os produtos do município são principalmente o café e o milho com mais de 1.000 contos; o toucinho, arroz em casca, madeiras em toras, óvos, guaxima, aves, banha de porco, carne de porco, madeira beneficiada, com mais de 100 contos. A mica quasi atingiu este valor e em 1942 deve tê-lo ultrapassado de muito, pois inúmeras jazidas estão em exploração (fig. 2). A importação foi constituída em 1941, principalmente por tecidos, com 1.625 contos; ferragens, trigo, querozene, açúcar, gêneros alimentícios, calçados, bebidas, sal e medicamentos, com mais de 100 contos.

O município de Resplendor é formado de duas regiões naturais, o Sul e o Norte, assim chamadas. Serve de limite entre ambas o rio Doce, que atravessa o mun. de NO a SE, numa extensão aproximada de 39 kms. (vide mapa). A parte Sul é toda montanhosa, percorrida por alguns ribeirões volumosos, que acusam sensivelmente diferença de altitude, entre a foz e as nascentes, estando estas até a 800 ms. sobre o nível do mar. Os vales são ricos, a qualidade das terras é atestada pelo ótimo aspecto das lavouras de café, muitas se estendendo pelas encostas dos morros, tão uniformes e bem enfolhadas que se assemelham a grandes jardins. O vale do ribeirão Itueta é o mais povoado, desta região, tendo sido desenvolvido pela esforço de colonos italianos. Uma estrada de automóvel o percorre, ligando-o às estações de Resplendor e Itueta. A's margens da estrada se espalham as fazendas, todas bem construídas, com uma varanda na frente e muitas delas, coberta de telhas francesas. A cobertura de casas nesta região sofreu uma evolução original, do sapé passaram para a telha francesa, vendo-se casas de pau a pique, cobertas de telha francesa. O motivo é ter-se instalado na séde do município uma cerâmica bem organizada, que produz a telha francesa por preço baixo. O Sul de Resplendor se estende por 30 Kms. a dentro da margem direita do rio Doce, indo terminar nas barrancas do rio Manhuaçu. Sua população total é cerca de 19.000 habitantes, a maior parte em meio rural. O Norte já é totalmente diferente, parecendo que o rio Doce serve de limite até entre os climas das duas regiões. No Norte chove pouco e seus ter-

renos teem em muitos lugares, a mesma formação que nas partes mais altas do curso do rio Doce, muito arenosos e pobres, de modo que tirada a mata, em pouco o terreno vira areal, no fundo das várzeas. Esta região se prolonga por 40 Kms. a dentro da margem esquerda do rio Doce, indo terminar na Serra dos Aimorés, que, qual poderosa muralha de 500 ms. de altura, separa o município do Estado do E. Santo. Diversos ribeirões percorrem esta região, tendo todos suas nascentes na Serra dos Aimorés ou em suas ramificações. Atravessam a região em cursos lentos, sem queda, no fundo de vales amplos, formados por morros pouco elevados, chamados na região, os vales, de «valas». Conquanto as nascentes destes ribeirões nunca sequem, uma seca prolongada pode secar os cursos inferiores, principalmente se a região estiver coberta de matas. Muitas fazendas não possuem água nascente para o seu gasto, tirando a água em cacimbas. O café e o milho são moídos em moinhos pequenos, movidos a mão, um rôlo de madeira em movimento giratório sobre outro fixo, pois não há quedas de água para se instalarem moinhos de pedra (Fig. 4). Apesar destes inconvenientes, a região está sendo bastante desenvolvida, principalmente por madeireiros, que estão abrindo estradas de rodagem em todos os sentidos, para transportarem madeira para uma grande serraria que há na estação de Itueta (Fig. 3). A criação de porcos, gado e aves tem muito futuro nesta região, desde que se protejam as aguadas na época seca, pois o clima é desfavorável a muitas de suas doenças. É impressionante a grande exportação de ovos desta região, quando é sabido que a criação de galinhas é a mais exigente quanto às boas condições de sanidade. O gado é praticamente livre de berne. Por outro lado, muitas das extensas várzeas que constituem o fundo das valas, são excelentes terrenos para a agricultura, principalmente para o arroz. A produção de mantimentos é abundante, o que demonstra que a região, apesar de seca, possui o régimen pluviométrico adequado para a agricultura.

Grande parte do Norte ainda está coberta de matas. São matas densas, nas regiões menos povoadas, ricas em madeiras de lei. Sua existência é um testemunho de que o régimen pluviométrico da região é suficiente para haver matas, mas, a escassez de água corrente mostra que as chuvas são poucas. Demonstra isto o fato de que, derrubando-se as matas, aparecem nascentes e córregos no lugar. Tivemos ocasião de registrar um processo curioso executado na região, para fazer as águas brotarem na mata seca, relatado pelo Sr. João Terra, um dos maiores conhecedores daqueles sertões e também agente ativo na abertura de novas «posses» e no



Fig. 1 -- Resplendor, séde.
À direita, o rio
Doce.

Fig. 2 -- Pre-
paro da mica
para exporta-
ção. Resplen-
dor.



Fig. 3 -- Ser-
raria em Itueta,
Resplendor.



Fig. 4 — Moinho a mão, usado nas fazendas sem quedas d'água, para beneficiar café e milho, para gasto doméstico. Resplendor.



Fig. 5 — Benedito Quintino, no Contestado. Povoação nova em grande desenvolvimento.

encaminhamento de famílias de colonos. O Snr. João Terra para conseguir a água desejada, «arranjava em Vitória um garrafão com água do mar, retirada longe da praia e tampado com rolha não fervida. Fazia um buraco no terreno onde queria a água, enterrava o garrafão, *derrubava a mata*, e a água começava a correr no ano seguinte».

No dia seguinte ao chegarmos, fizemos uma visita a Itueta, estação seguinte a Resplendor e distrito deste município. Itueta está tendo um desenvolvimento comercial muito promissor, pois apesar de constar apenas de um punhado de casas de residência, possui grande serraria, dotada de amplo galpão e maquinário completo para beneficiamento de madeira, incluindo 5 grandes engenhos (Fig. 3). Uma fábrica de banha, produzindo também carne de porco, lombo de porco e torresmos prensados, atesta as ótimas condições do município para a criação de suínos. Armazens de café e depósitos de gaxima completam a atividade industrial de Itueta.

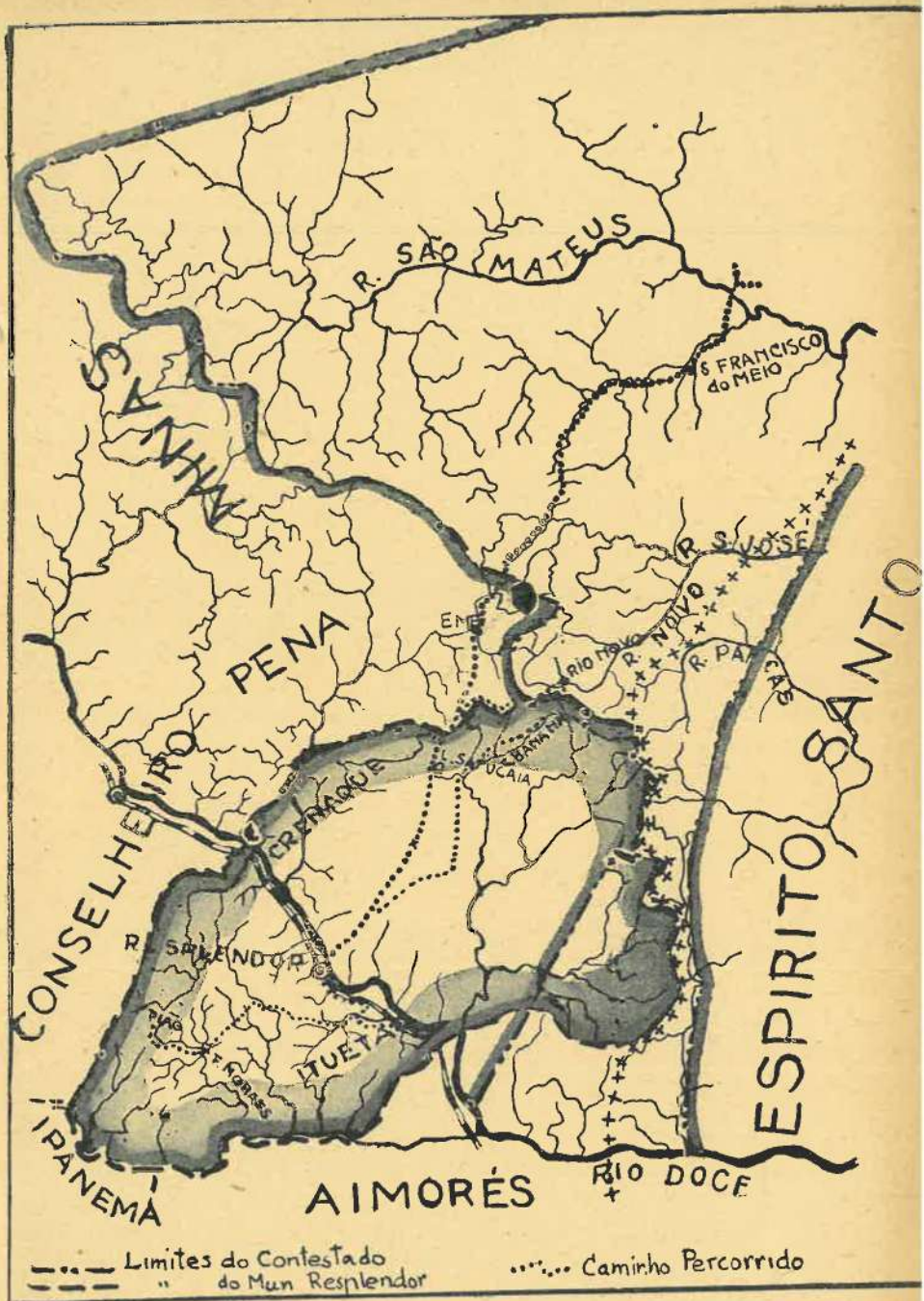
Ultimados os preparativos para a viagem ao interior, deixamos Resplendor às 3 horas da tarde do dia 6 de Julho, todo o material de acampamento e coleta acondicionado em 4 animais de carga. Dois tropeiros se encarregavam dos animais, 15 ao todo. Iamos bem aparelhados para 15 dias de viagem, e nosso destino era a margem direita do S. Matheus (v. mapa). Devido à grande variação na topografia das regiões onde iamos passar, era provável encontrarmos grande diversidade na flora e fauna das regiões. Como nosso tempo era limitado, devíamos atingir a margem do S. Matheus pelo caminho mais curto e depois voltaríamos explorando melhor as regiões atravessadas. Para o sucesso desta empresa muito contribuíram os conhecimentos do guia João Terra, e o excelente mapa do mun. de Resplendor, fornecido pela Secretaria da Agricultura, Serviço Geográfico do Estado, e o da região do Contestado, do mesmo Serviço, enviado pelo dr. Benedito Quintino dos Santos.

Atravessamos a tropa no rio Doce em uma das balsas e tomamos a estrada da Vala Grande. Logo na saída, esta galga um morro de 100 ms. de altura, ficando a cidade para trás, cortada pelo rio. Num resto de matas neste trecho, já encontramos ótimos exemplares de «barriguda» (*Ceiba pubiflora*), bombacácea original pelo maior diâmetro de seu tronco na metade inferior, assemelhando-se a árvore, muitas vezes, a uma gigantesca garrafa. Em muitos exemplares, a parte basal tem diâmetro inferior ao da mediana, dando o aspecto de uma pipa.

Terminado o morro, começamos a percorrer a Vala Grande, largo vale formado por erosão num terreno bastante plano, sem ter sofrido grandes comoções plutônicas. Ao anoitecer, chegamos à fazenda do Antonio Medeiros, tendo percorrido 3 léguas. A fazenda, situada numa das posses tratadas com água do mar engarrafada, é bem situada, já nas cabecéiras da Vala Grande, possuindo ótima aguada (Fig. 8). Fomos muito bem acolhidos pelo fazendeiro, que nos ofereceu a sala da frente para dormirmos, o que muito apreciamos, devido ao frio.

No dia seguinte, tivemos tempo de coletar algum material enquanto se fazia o almoço e a tropa era arrumada. Às 8 e 15 saímos e logo viramos o espigão que separa a Vala Grande do córrego da Figueira, ingressando assim na bacia do ribeirão Resplendor. A região continuava com o mesmo característico de pouco acidentada, bastante coberta de matas, mas com o solo seco. Era raro passarmos por um filete d'água e sempre esta não era potável. Nas horas quentes do dia observamos que muitos pequenos arbustos a beira do caminhourchavam, indicando pobreza d'água no solo. Tivemos ocasião de observar este fenômeno muitas vezes, nesta região, e como na época não havia seca fora do normal, é de se supor que aquelas plantas sofram este desequilíbrio com certa regularidade.

As matas se sucediam umas às outras, interrompidas aqui e ali por derrubadas novas ou antigas (Fig. 10). A maior parte das terras ainda pertence ao Estado, mas, uma parte já está ocupada por «posseiros,» que são os indivíduos que se estabelecem numa determinada área, derrubando a mata, fazendo casa e plantando roça. Há uma corrente contínua de emigração do Sul do Espírito Santo, Norte do Est. do Rio, e Caratinga, Carangola e municípios vizinhos na Zona da Mata, para as terras férteis de Resplendor e além deste, para o eldourado do Contestado, onde além da riqueza do solo, não se pagam impostos, pois os Estados de Minas e E. Santo ainda não chegaram a um acordo (Julho de 1942) sobre seus direitos à região. Grande parte desta emigração é feita a pé — famílias inteiras se abalam de lugares tão distantes como Muriaé, com seus parcos haveres nas costas ou, os mais afortunados, em animais de carga. A propagação das novas terras é feita geralmente pelos «abridores» das posses — os que penetram na mata, fazem uma pequena derrubada, a casa, plantam a roça, e vão então àquelas regiões mais populosas vender seus direitos de posse. Negócio honesto e estes agentes são geralmente conhecidos



Mapa da região visitada
 (C. Schlottfeldt).

por todo mundo e é raro haver má fé nas transações. A família vem vindo então pelos caminhos mais curtos, dormindo nas fazendas, arranjando seus elementos, um dinheiro aqui, outro ali, e depois de muitos dias de viagem chegam ao seu destino. Ampliam as bem-feitorias da posse, consolidam seus direitos. Segundo informações locais, nestes últimos 10 anos, mais de 3.000 famílias foram assim estabelecidas, somente no município de Resplendor.

Atingimos o córrego da Criolina, cujo nome, talvez por má percepção de pronúncia, está no mapa como Criolinho. Descemos este córrego até seu afluente Sapucáia onde, curso acima, visitamos a Lagoa da Sapucáia. Esta Lagoa, da qual aliás não se vê um metro quadrado de água, toda coberta de vegetação, é célebre na região por ser habitada por uma grande ave, a alicórnea. Infelizmente, não tivemos a sorte de encontrar nenhuma. As partes menos rasas da lagoa, com 1 a 3 palmos de profundidade, achavam-se atapetadas da interessante arácea *Pistia stratiotes*, planta aquática flutuante, em forma de rosetas de 4 a 6 cms. de diâmetro, verdes, de folhas entumecidas e cobertas de pelos. As formações de *Pistia* eram cercadas pela vegetação exuberante de uma ciperácea, de porte e aspecto semelhante ao papiro do Egypto, cuja falta de flores não permitiu sua identificação completa (Fig. 9). Sua altura é suficiente para cobrir um homem e desenvolve-se dentro d'água. A 3ª planta que se apresentava também em formações puras, mas em terreno apenas enxarcado, era uma *Canna* de flores vistosas, amarelas.

Continuamos a viagem, passando para a Vala de Ubá, sem notar, quasi, que transpúnhamos um espigão, de tão suave que era.

À tarde chegámos à fazenda do Pedro Coimbra, fazenda dotada de boa séde, construída no fundo de baixada, está quasi toda ocupada por uma lagoa invadida por vegetação mista. A salubridade da região fica aí bem comprovada, pois a água potavel é escassa, fornecida por uma nascente quasi ao nível da lagoa, onde se servem os homens e os animais, incluindo porcos. No entanto, não soubemos de doenças nem mortes suspeitas e mesmo a maleita é tida como não existente, no município de Resplendor. Ambiente seco? Já nas margens do S. Mateus e do próprio rio Doce, em logares mais úmidos, a maleita representa a principal barreira para seu povoamento.

Seguindo viagem, logo cortamos a divisa do mun. de Resplendor com o de Conselheiro Pena e já noite fechada

entramos na Aldeia do Eme, perfazendo 9 léguas, naquele dia, 12 desde Resplendor. Como uma demonstração da pouca variação de altitude no caminho percorrido, registramos 92 m. de alt. para Resplendor, 227 na fazenda do Pedro Coimbra e 174 na Aldeia do Eme, estes dados obtidos em aneroide com correção de temperatura.

Aldeia do Eme tem este nome derivado da língua indígena, pois até bem pouco tempo diversos aldeamentos de índios existiam na região. Atualmente não se encontra mais nenhum, tendo sido todos os indígenas desta região concentrados pelo governo federal no posto de proteção em Crenaque, a estação seguinte na Vitória-Minas, acima de Resplendor. Aí os selvícolas vivem em boas acomodações, com certo conforto e facilidades de vida, mas é voz corrente que estão desaparecendo, vitimados principalmente por doenças que contraem com os brancos.

Aldeia do Eme é um lugar pequeno, mas com certa atividade comercial. Está ligada por estrada de caminhão à sede do município, Conselheiro Pena, na Vitória - Minas. Esta estrada está sendo prolongada até a bacia do S. Mateus, trabalho este de grande importância para Minas, pois vai permitir o escoamento de grande parte da produção da região do Contestado, por Conselheiro Pena, o que concorrerá para solucionar a favor de Minas, a questão de quem tem direitos sobre aquela região. Por outro lado o Est. do Espírito Santo já possui em tráfego uma estrada que liga Colatina, porto do Rio Doce e estação da Vitória - Minas, à mesma região. Comtudo, é provavel que estas duas estradas não farão séria concorrência uma à outra, pois a região que servem é vasta e muito rica.

Depois de jantarmos, dormimos bem acomodados num armazem de café e aí aprendemos o cuidado que se deve ter ao se dormir ao pé de sacas empilhadas, pois durante a noite, duas pesadas sacas caíram sobre um nosso companheiro que, tivesse menos sorte, teria sofrido graves contusões.

Dia 8 saímos da Aldeia do Eme já às 10 horas, pois nosso percurso ia ser curto, em virtude da serra a galgar e para não forçarmos demais os animais. Em uma hora atingimos a Aldeia de Cima, pela estrada de caminhão, de traçado facil, plana, neste trajeto. Passamos ao pé da interessante Pedra Quadrada, alta rocha de uns 100 m. de altura, por 150 a 200 de comprimento e uns 30 de largura, implantada no solo como se fosse a cabeça de uma estaca gigantesca (Fig. 13). Aldeia de Cima é um pequeno arraial e ao sair-se dele, logo se começa a subir a Serra das 48



Fig. 6 — Urubú-Rei, abatido em S. Francisco do Meio. Ave rara naquela região.



Fig. 7 — Fazenda Moraes, na parte Sul de Resplendor. Patrimônio de três gerações da tradicional família Moraes. E' notável por sua produção cafeeira.

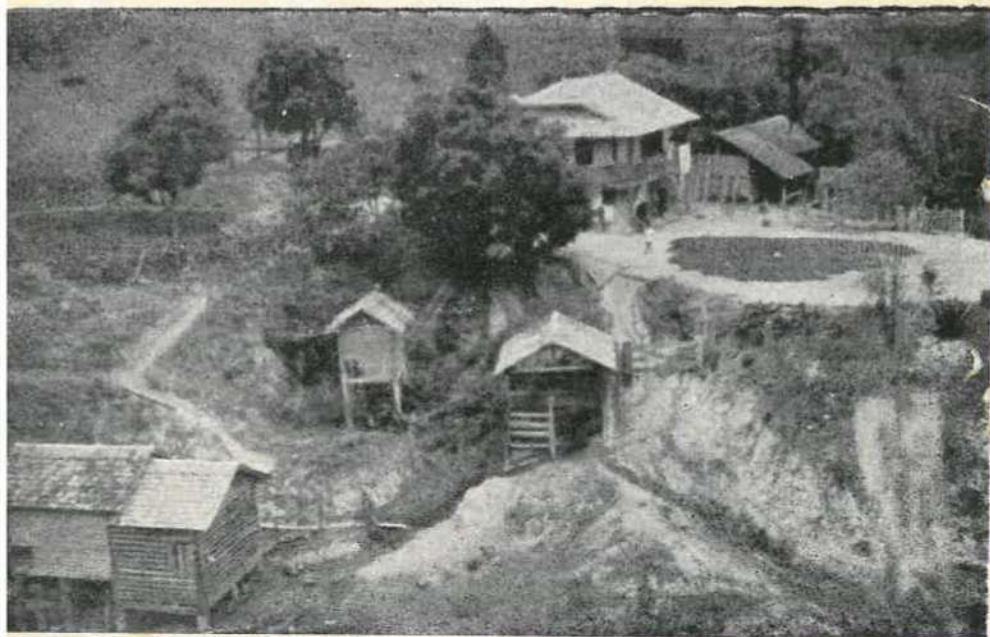


Fig. 8 — Fazenda do Medeiros, Resplendor Norte.

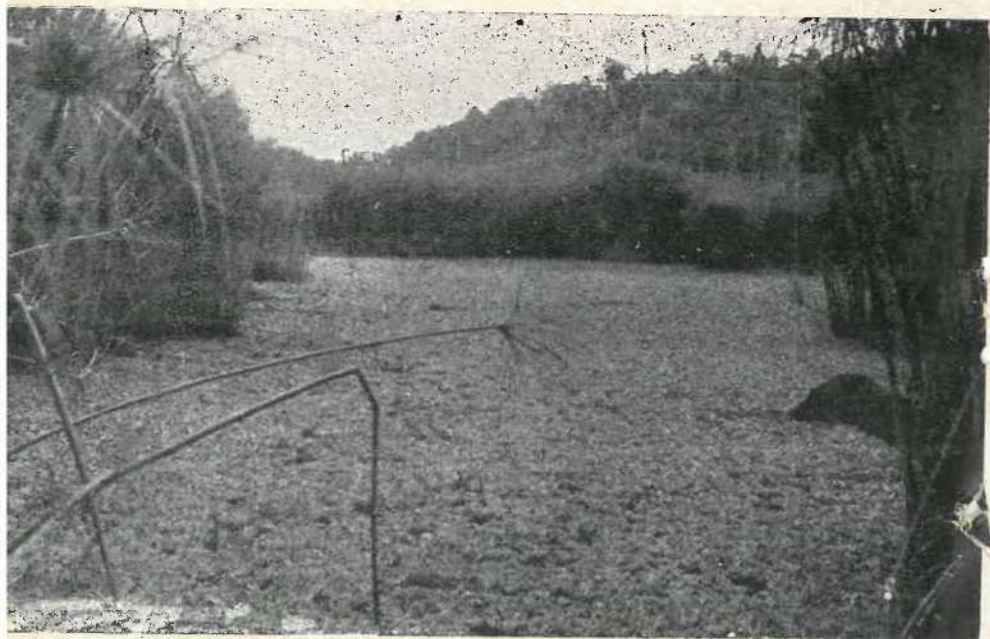


Fig. 9 — Lagoa da Sapucaia, Resplendor Norte. invadida por *Pistia* e *Cyperacea*.

Voltas, imponente muralha de 500 ms. de altura sobre as regiões mais baixas, que corre de SE. a NO. e é o ponto de partida para a questão do Contestado, pois querem uns que ela seja a verdadeira Serra dos Aimorés, portanto, dobrado seu espigão estar-se-ia no Espírito Santo, querem outros que é apenas uma ramificação, ficando a verdadeira mais a E., separando Minas de E. Santo, na direção aproximada de N-S. (V. mapa). No 1º caso, ao Espírito Santo pertenceriam as riquíssimas terras das bacias do alto S. José e do S. Mateus do Sul, numa faixa triangular de mais ou menos 80 a 90 Kms. de lados. Na 2ª interpretação da localização da Serra dos Aimorés, estas terras pertenceriam a Minas. Esta questão é de grande importância para ambos os Estados, pois a região em litígio vai contribuir para o aumento da renda de seu Estado em muitos milhares de contos de réis, em futuro muito próximo, pois é muito fértil, grande parte não é sujeita a maleita e está-se povoando rapidamente. Mapas detalhados já foram levantados por ambos os Estados interessados na questão e também pelo Exército e é de esperar uma solução satisfatória.

A subida da Serra das 48 Voltas é feita com facilidade, seguindo o caminho pela estrada de automóvel já construída, mas ainda não em trânsito (Fig. 11). A região é de mata e a estrada vai subindo com pouca rampa até atingir o alto da serra, onde o aneróide acusou 653 ms. A vista daí é magnífica, percebendo-se para o sul os amplos terrenos à margem esquerda do Rio Doce, tendo como fundo as altas montanhas da margem direita. Numerosos contrafortes da serra se espalham nas terras baixas vizinhas, notando-se a Pedra Quadrada e outra pedra em tudo semelhante ao Pão de Açúcar (Figs. 12 e 13). Do alto da serra a estrada continua através de densas matas, agora caracteristicamente de terras úmidas e frias, muito ricas em epífitas e palmáceas (Fig. 15). A abundância de palmitos de diversas espécies, nos forneceu um bom contraste para as matas de Resplendor, desprovidas inteiramente de palmeiras. O terreno nessa região é muito rico em húmus, mostrando os cortes da estrada camadas profundas de solo preto, lembrando as terras de Maria da Fé. Região de muitas possibilidades para cultura da batatinha, cebola e plantas européias por seu clima e solo. Às 3 e meia da tarde chegamos à primeira fazenda encontrada na região, fazenda José Dias, ponto obrigatório de pouso para as tropas em viagem. A fazenda possui só criações e está situada nas cabeceiras do Rio S. José, afluente da parte inferior do Rio Doce. Pudemos colher bastante material nas matas do lugar. No dia seguinte saímos cedo, dei-

xando a fazenda bastante movimentada com a chegada do Padre missionário, que vinha fazer batizados, casamentos e erigir um cruzeiro. Continuamos pela estrada de caminhão. Uma légua depois dobramos o espigão que separa a bacia do S. Mateus do Sul, da bacia do S. José. A estrada está em construção, nesse ponto, e continuamos por caminhos apenas de tropa. Neste trecho descemos cerca de 200 ms. de serra, o que demonstra porque as terras da bacia do S. José são altas e frias.

Descendo a serra, ingressamos no vale do ribeirão S. Francisco, já pertencendo à bacia do S. Mateus do Sul. Este vale é mais povoado que as terras da bacia do S. José, encontrando-se bastante cafésais e roças de mantimentos, mas ainda há muitas matas. O Estado tem controlado a derrubada de matas em todas estas regiões, mesmo no Contestado, impedindo as derrubadas e queimadas sem critério. Um fazendeiro (ou posseiro) para derrubar uma mata de seus terrenos, para plantio, necessita ter licença do fiscal, a qual é concedida dentro das restrições da lei.

Às 13 horas chegamos a Benedito Quintino (Fig. 5), vila em grande desenvolvimento, cheia de casas novas e muito movimentada, verdadeira cidade do tipo «far west», surgida de um dia para outro. Neste lugar foi que sentimos mais a questão do Contestado, pois Benedito Quintino é guarnecido por tropas da polícia mineira e da espírito-santense e enquanto os mineiros chamam ao lugar Benedito Quintino, em homenagem ao chefe do Serviço Geográfico do Estado, os capixabas usam o nome de Gabriel Emilio e um estranho sempre se coloca em posição desagradável quando não usa o nome apropriado, conforme à pessoa com quem está falando. Os habitantes da região, em geral mineiros de outros lugares, nunca emitem a sua opinião, se o lugar deve ser de Minas ou do E. Santo, e é certo que qualquer resolução do governo federal será bem acatada por todos.

Depois de um ligeiro descanso, proseguimos viagem, sempre descendo o ribeirão de S. Francisco. Segundo informações, deste ponto em diante, de alt. \pm 150 ms, já entrávamos em regiões sujeitas a maleita. Passávamos por matas úmidas e exuberantes em vegetação a todo momento e numa ou noutra derrubada, achamos diversas espécies de «orelha de pau». À tarde, percorridas 8 léguas naquele dia (da faz. do José Dias) chegávamos ao arraial de S. Francisco do Meio, onde fomos atenciosamente recebidos pelo capitão da polícia capixaba Djalma Borges. Dormimos acampados no ar-



Fig. 10 — «Aberta» na mata, Resplendor Norte, mostrando a formação de uma «posse».

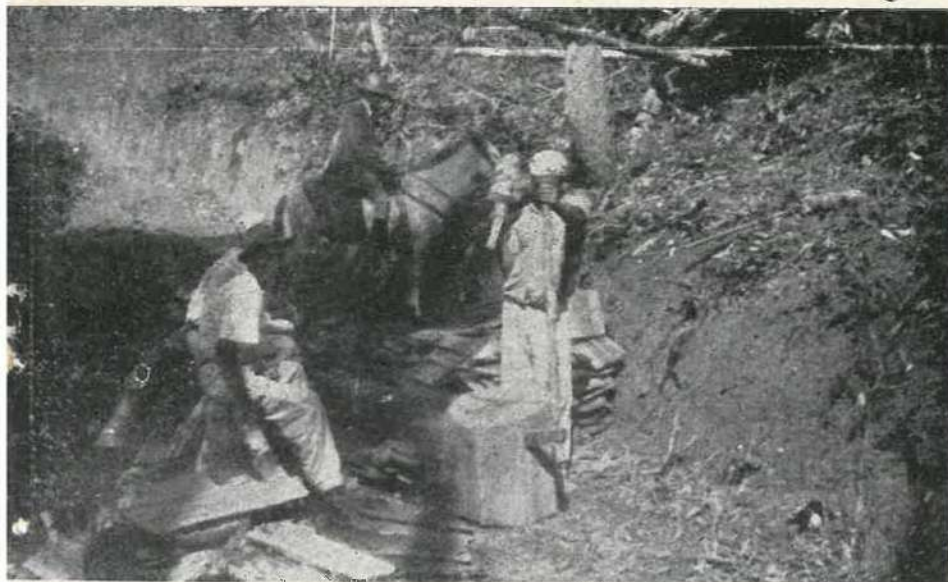


Fig. 11 — Preparando taboinhas para cobertura de casa. Observe o homem no centro desmanchando o rolete de madeira com machado e macete. O caminho é o leito da estrada de caminhão que ligará Aldeia de Cima a Benedito Quintino, no Contestado.



Fig. 12 — Vista tirada do alto da Serra das 48 Voltas, à esquerda as terras baixas do município de Conselheiro Pena e à direita da Serra, o Contestado.

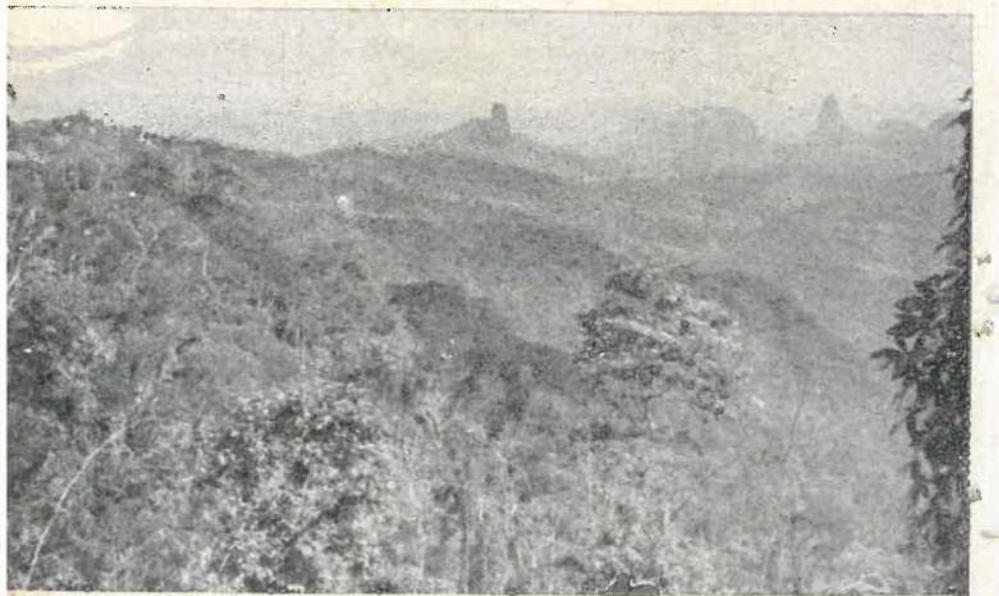


Fig. 13 — Vista tirada do alto da Serra das 48 Voltas, na direção Sul, vendo-se a Pedra Quadrada (centro). No fundo do vale, embaixo, acha-se a Aldeia de Cima.

raial e no dia seguinte continuamos a descer o ribeirão, agora viajando por trilho de animal, através de matas fechadas, transpondo o ribeirão em lugar empedrado e, a 4 Kms. abaixo de S. Francisco do Meio, nos acomodamos na casa de uma antiga máquina de beneficiar arroz, propriedade do Estado, na fazenda de João Sebastião, ao lado de bellissima corredeira do S. Francisco. Ficamos neste lugar até o dia 12, aproveitando para excursionarmos nas vizinhanças. Por um atalho na mata, fomos até o rio S. Mateus do Sul (Fig. 17), imponente na sua quietude, com as margens muito altas por causa das densas matas que as cobrem e entulhado de galhada seca. Colhemos abundante material de fungos de madeira morta, sendo notavel a frequência de espécies de *Xylaria*, com seus esporocarpos em forma de dedos clavados, pretos, às vezes esbranquiçados pela produção de conídios, em algumas formas novas tendo na extremidade uma mucilagem ou tecido avermelhado. Diversos exemplares de *Daldinia*, formando massas escuras, de esporos arroxeados, zonadas por dentro, foram também colhidos, em troncos caídos. Orelhas de pau, dos gêneros *Fomes*, *Polyporus*, *Polystictus*, *Daedalea*, *Lenzites* foram também colecionados. Poucos fungos parasitos foram achados. Insetos e plantas superiores foram também colecionados.

Uma formação curiosa que vimos foi uma lagoa à margem do S. Francisco, formada pela última enchente do ribeirão e que já se mostrava bastante reduzida em volume, inteiramente atapetada pela *Salvinia natans* (Fig. 16).

Coletado o material de Micologia, Botânica, Entomologia e Zoologia, convenientemente preparados, iniciamos a volta passando pelo mesmo caminho da ida, somente, acampando em outros pontos, colhendo-se assim mais algum material. Chegamos à fazenda do Pedro Coimbra no dia 13 e ficamos aí um dia inteiro, colhendo material das matas secas da região. Depois, enquanto parte do pessoal com a tropa se dirigiu diretamente para Resplendor, outra parte tomou o caminho do Rio Novo, arraial acima da Serra dos Aimorés. Passamos perto da Pedra Bonita, sendo notável aí uma outra pedra de mais de 100 ms. de altura, de forma cônica, toda sulcada de cima abaixo pela erosão (Fig. 18). Em toda a excursão, foi a única vez que vimos semelhante formação e lamentamos não termos trazido uma amostra desta pedra, devido às dificuldades de atingi-la, no momento. Esta pedra está a uns 2 Kms. ao norte da Pedra Bonita. O caminho logo principiou a subir a serra, a mesma que já subiram os na Aldeia de cima. A região é aí pouco povoada, e em cima atingimos outra vez as terras frias da bacia do S. José, e

em pouco atingimos o arraial do Rio Novo. Conquanto este arraial esteja no Contestado, ninguém aí o considera mineiro. Um posto aduaneiro do E. Santo e outro de Minas exercem suas funções de fiscalização e cobrança de imposto das mercadorias que entram e saem, por tropas, do mun. de Resplendor. Depois de conseguirmos magníficos exemplares de Orquídeas, entre as quais uns de *Cattleya labiata*, cedidos por uma família suíça, aí estabelecida há anos, descermos a serra naquele mesmo dia, pernoitando na ótima fazenda de João Leandro, ao sopé da Serra (Fig. 19). Terras magníficas, aguada abundante, muitas matas, cafesais ótimos. (Fig. 20). As terras desta fazenda estão nas cabeceiras da vala do Bananal e daí a Resplendor há 10 léguas que procuramos vencer no dia seguinte. Este último percurso foi feito ao longo da vala do Bananal, de formação semelhante à da Vala Grande. Já há muitas fazendas e sítios nesta região, sendo a instrução primária desenvolvida principalmente pelo protestantismo (Fig. 21).

Diversas seitas de protestantes já se acham estabelecidas em Resplendor, não só na sede do município, como também em lugares mais distantes. Toda a parte superior do vale do ribeirão S. Francisco, que percorremos no Contestado, está também sob a influência da religião protestante. Um dos meios eficazes de que lançam mão para a propaganda da fé, é catequisarem os fazendeiros dando instrução primária a seus filhos. Cada templo protestante é também uma escola primária e é raro o fazendeiro ou sitiante que não aspire para seus filhos uma vida melhor, mais fácil, do que a que ele tem tido, e assim, muitos mandam os filhos aos templos protestantes, onde recebem instrução e ensinamentos religiosos. No Estado norte-americano de Iowa, vimos exatamente o inverso, devido às mesmas causas — lá toda igreja católica possui uma escola paroquial, de ensino primário, enquanto que os protestantes só cuidam da religião. O resultado é que muitas famílias protestantes mandam os filhos à escola paroquial, interessadas na boa formação inicial das crianças. Seria um benefício enorme à nação, se a Igreja católica pudesse, entre nós, seguir a orientação que observa nos Estados Unidos, pois ela representa, em nossos meios rurais, uma organização muito difundida e de grande influência. Se toda a igreja ou capela de nosso país fosse também uma escola de primeiras letras, para as crianças das vizinhanças, a cultura em massa, de nosso povo, estaria em paralelo à dos norte americanos, os quais tiveram esta orientação desde os primeiros dias da colonização.



Fig. 14 -- Vendedor de café e «quitanda», em plena mata, na bacia do S. José.



Fig. 15 -- Mata úmida das terras frias das cabeceiras do S. José.

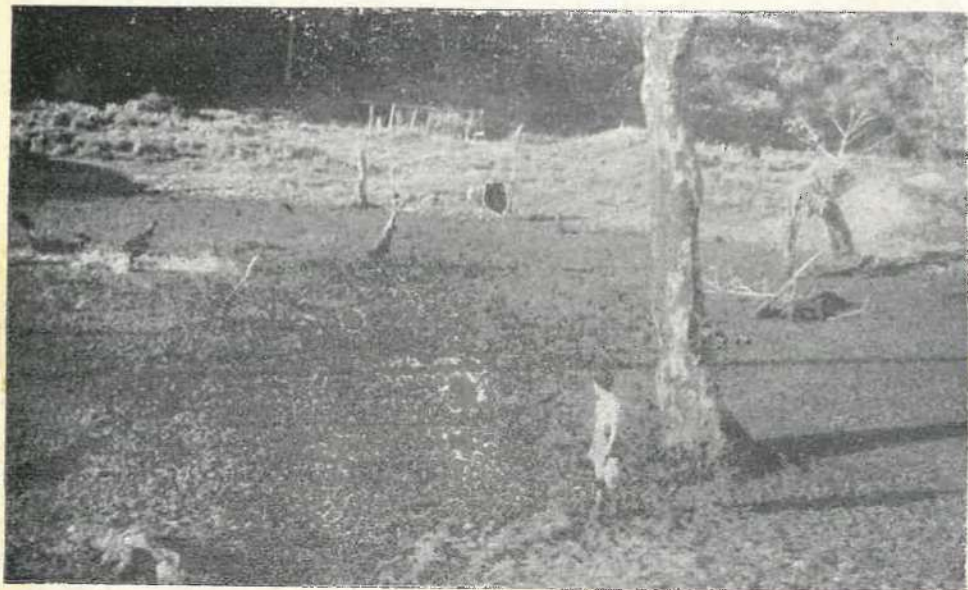


Fig. 16 — Lagoa formada pela enchente do ribeirão S. Francisco, atapetada por *Salvinia natans*.



Fig. 17 — Rio S. Mateus do Sul, Espírito Santo. Suas margens são inteiramente cobertas de matas.

Antes de deixarmos Resplendor, de volta a Viçosa, fizemos uma rápida viagem ao «Sul», percorrendo os ricos vales do ribeirão do Coate e do de Itueto (v. mapa). Esta região é totalmente diferente do «Norte», de terras bem mais férteis, e com abundantes aguadas, provenientes da Serra do Itueto, mais ao sul do município. Inúmeras fazendas bem cuidadas povoam os vales, percorridos por uma boa estrada de rodagem. Chegamos até a fazenda Morais (Fig. 7), patrimônio tradicional de antiga família. Ela está ao sopé da Serra do Itueto e para conhecermos as terras serra acima, subimos até as cabeceiras do Pião, este trecho de cerca de 1 légua, feito a cavalo. O alto da Serra acusou 761 ms. de altitude, enquanto a fazenda embaixo está a 241 ms. As terras em cima são ricas, e frias, ótimas para produção de batata inglesa.

Depois de coletarmos algum material nos lugares visitados, voltamos a Resplendor, de onde, em rápida viagem, retornamos a Viçosa.

Com sua riqueza de solos, climas bons, meios de comunicação, o município de Resplendor, já dispendo também de bastante braços para a lavoura, representa um campo promissor para as atividades do serviço de extensão agrícola. A região do Norte, com seu clima seco e extensas baixadas irrigáveis, bem merece uma estação experimental para o ensino aos lavradores, desenvolvimento de variedades para a região e criação de animais reprodutores.

Bastaria uma fazendola mais ou menos no meio da região, na Vala do Bananal, por ex., onde agrônomo competente formasse arrozais, em condições técnicas, fizesse competição de variedades, e onde mantivesse criações de aves e porcos, principalmente, para ensino e fornecimento, por empréstimo, de reprodutores (cobertura das fêmeas na própria estação). A estação seria dotada do maquinário indispensável numa fazenda e meios de combater as doenças das criações e das plantações (doenças e pragas). A parte de reflorestamento não seria esquecida.

Esta estação seria criada com a cooperação dos fazendeiros, ajudados pelo governo. A falta de interesse dos fazendeiros pela sua criação, seria um indicio forte para deixá-la para mais tarde, cuidando-se agora apenas em despertar este interesse, por meio de propaganda, em reuniões de fazendeiros, dos métodos técnicos da exploração agrícola, e enviando fazendeiros às exposições no Estado, ao Horto-Florestal, à Escola de Viçosa e outros centros de ensino agrícola.

O mesmo trabalho poderia ser feito na parte «sul» do município, onde a lavoura do café, com seus problemas culturais e de preparo, seria objeto dos principais cuidados. O mesmo agrônomo da estação do Norte poderia dirigir a do Sul. Tais estações experimentais, sustentadas pelos fazendeiros e sob a orientação técnica do Estado, cedo concorreriam para aumentar a renda do município, em elevado grau. O melhor meio para congregar os fazendeiros, seria que se organizassem em cooperativas para compra e venda de produtos relacionados com a lavoura, tirando assim melhores proveitos de suas atividades agrícolas e podendo mais facilmente concorrer com o desenvolvimento técnico de suas explorações agrícolas.

Material coletado:

De *Micologia*: Entre o material coletado, acham-se:

Ganoderma fulvellum Bres.

Fomes zonatus Murrill

Fomes geotropus Cooke

Fomes rhabarbarinus Berk.

Lenzites sp.

Daldinia sp.

Kretschmaria sp.

Xilaria spp.

Polyporus spp.

Polystictus spp.

Daedalea sp.

Hypoxylum spp.

Acremonium sp. (?), atacando diversas dicotyl., formando um mildiu zonado nas folhas atacadas.

Mycophaga (fumagina) em gibatão (*Astronium graveolens* Jacq.).

Prospodium tuberculatum Speg., ferrugem, em *Lantana camara aculeata* (L.) Mold.

Clathrotrichum sp. (Stilbacea) e *Irenina* sp., formando mofos vermelho e preto sobre as folhas de «ganha-saia», Dicotiledonea não det.

Phyllachora em Bauhinia.

Catacauma spp. em hospedeiros não det. (Dicot.)

Além deste material, foram coletados mais 107 fungos parasitos em folhas, entre os quais contam-se 14 ferrugens,

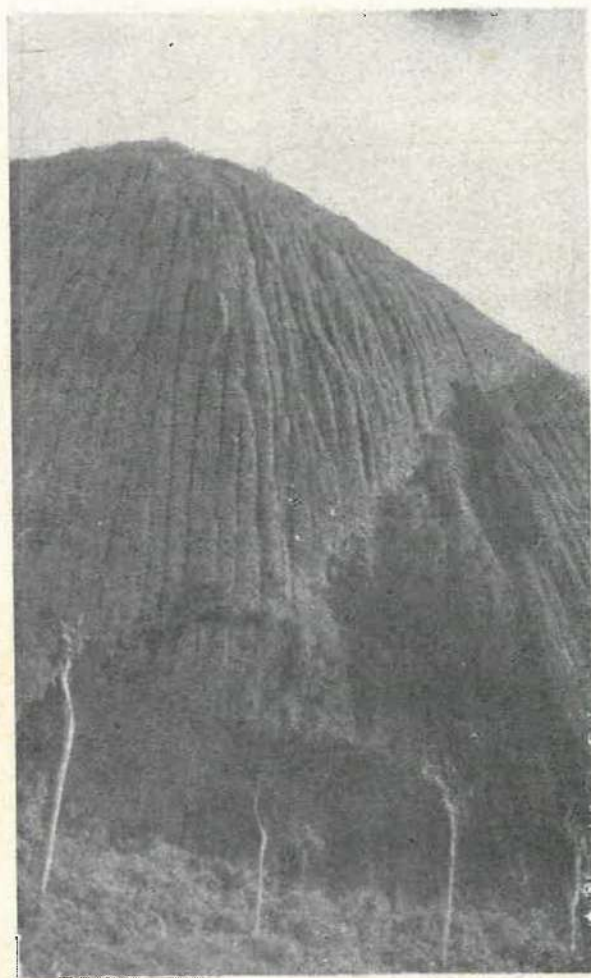


Fig. 18 — Rocha erodida, Resplendor Norte.

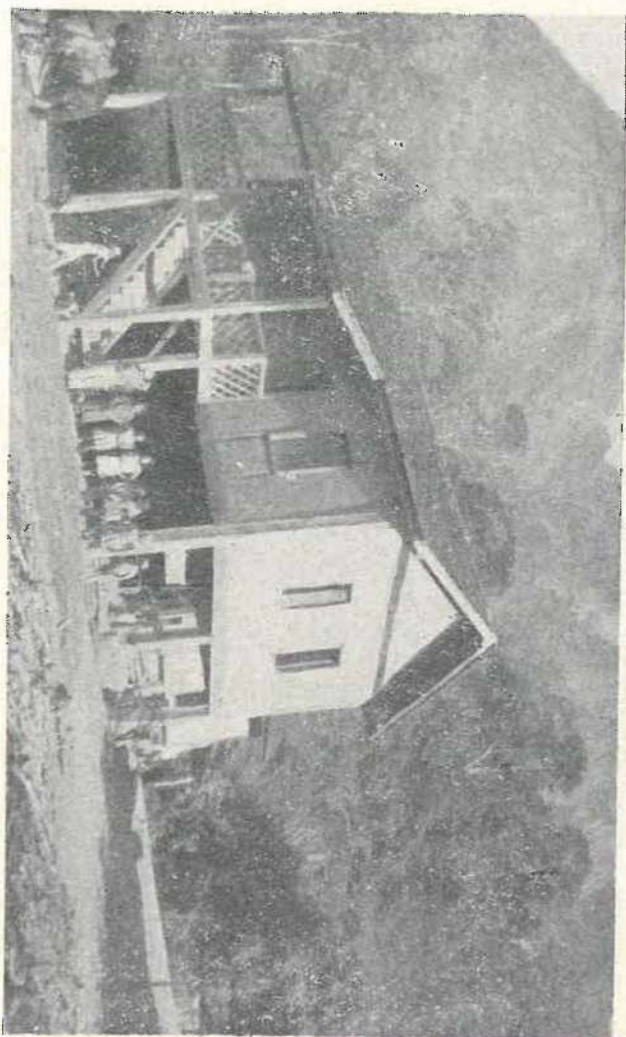


Fig. 19 — Fazenda do Leandro. No fundo, a serra dos Aimorés.
Cabeceras da Vala do Bananal, Resplendor.

12 ascomicetos Dothideales e 11 oídios e fumaginas. Este material está sendo distribuído aos especialistas dos grupos para as determinações de espécies.

Material de phanerogamos — foram colhidos 69 espécimes, representando 36 famílias botânicas diferentes. A época seca e fria mostrou-se bastante imprópria para a colheita de maior quantidade de espécimes em flor. As compositae, Passifloraceae, Convolvulaceae e Solanaceae foram as mais bem representadas. Além deste material de herbário, foram trazidas 55 mudas de plantas vivas, na maior parte Orchidaceae, para o Jardim Botânico da ESAV (prof. Paulo Alvim).

Zoologia — (prof. Carlos S. Schlotfeldt) — Apesar de terem sido conseguidos alguns outros animais, o material zoológico é constituído principalmente por aves.

Os peixes são representados por espécimes das famílias Characidae (Piaba e Piabanha) e Loricariidae (Cascudos). Destes, trouxemos diversos exemplares parecendo que pertencem pelo menos, a três espécies diferentes, uma das quais é reconhecida pelo nome comum de «cascudo lage»; outro exemplar apresenta «barbas» nos lados da cabeça.

Também foram conseguidos exemplares de «caxinguelês» (Sciuridae — *Sciurus aestuans* ?), de «camarão» e de um sapo (Bufonidae).

Durante o nosso trajeto de ida, fizemos um desvio do nosso caminho com o fim de passarmos pela lagoa da Sapucaia, onde deveria existir uma ave «de grande valor», conforme expressão do nosso guia, o qual lhe emprestava um aspecto até um tanto místico. Seu nome é Alicórnea ou Lincorne. Segundo alguns naturais da região, «as alicórneas são aves grandes, do tamanho de um peru, pretas; andam aos casais; têm um chifre na cabeça e esporões nas asas; suas pernas são longas; e são vistas frequentemente empo-leiradas no alto das árvores próximas à lagoa». Quando lá chegamos, porém, nenhuma encontramos.

Segundo a descrição rude acima anotada, trata-se, possivelmente, da Anhuma, *Palamedea cornuta* = *Anhima cornuta* (Palamediidae), também conhecida por Cametau ou Unicórneo (Amazônia), cuja corruptela originou o nome já referido.

Vimos, naquela região, alguns papagaios interessantes, dos quais são mais comuns o Galego, o Créo e o Jurú. O primeiro, que nos afirmaram ser o melhor falador, é o me-

nor e tem a cabeça vermelha (*Amazona petrei*?). O créo, também de côr geral verde, tem apenas pequena faixa sanguínea horizontal na cabeça, partindo da base do bico; desta espécie, que parece tratar-se da *Amazona festiva*, foi conseguido um exemplar vivo que não apresentava «uma nódoa rubro-viva e extensa que vai da região escapular ao uropígeo»; esta, no entanto (Miranda Ribeiro), pode faltar. O último, maior de todos, é o moleiro do norte do país (*Amazona farinosa*); bonito, foi indicado pela gente de Gabriel Emilio, ou Benedito Quintino, como sendo o menos falador dos três.

Os nomes comuns anotados a seguir foram colhidos na própria região por nós visitada, tendo sido empregados os parêntesis para indicar os casos em que os mesmos não foram conseguidos desse modo.

- 1) *Gypagus papa* = *Sarcoramphus papa* — (Urubú Rei) Cathartidae. Este urubú não parece ser muito comum na região, pois a sua identificação não foi conseguida pelos moradores de S. Francisco do Meio. (Fig 6)
- 2) *Urubitinga urubitinga* = *Hypomorphnus urubitinga urubitinga* — Can-can — Falconidae.
- 3) *Amazona farinosa* = *Amazona farinosa farinosa* — Papagaio Jurú — Psittacidae.
- 4) *Ara maracana* = *Propyrrhura maracana* — Maracanã — Psittacidae. Existe na coleção da Escola. Determinação do Museu Nacional.
- 5) *Trogon viridis* = *Trogon strigilatus strigilatus* — Sarapuá — Trogonidae. Existe na coleção da Escola. Determinação de Miranda Ribeiro.
- 6) *Pteroglossus araçari* = *Pteroglossus araçari araçari* (?) — Laçaripoca (Araçari) — Rhamphastidae. A ave cujo nome comum foi anotado como sendo «poca», não corresponde ao «araçari poca» das descrições; não sabemos se se trata de engano do seu identificador do Rio Doce.
- 7) *Plotus anhinga* = *Anhinha anhinga* — (Biguá tinga) — Pelecanidae. A côr do pescoço do exemplar colhido parece não corresponder muito bem ao «branco riscado» ou ao «branco» de algumas descrições, pois ele é uniformemente coberto por penas pretas na face dorsal; na inferior, algumas penas brancas tornam o seu colorido um

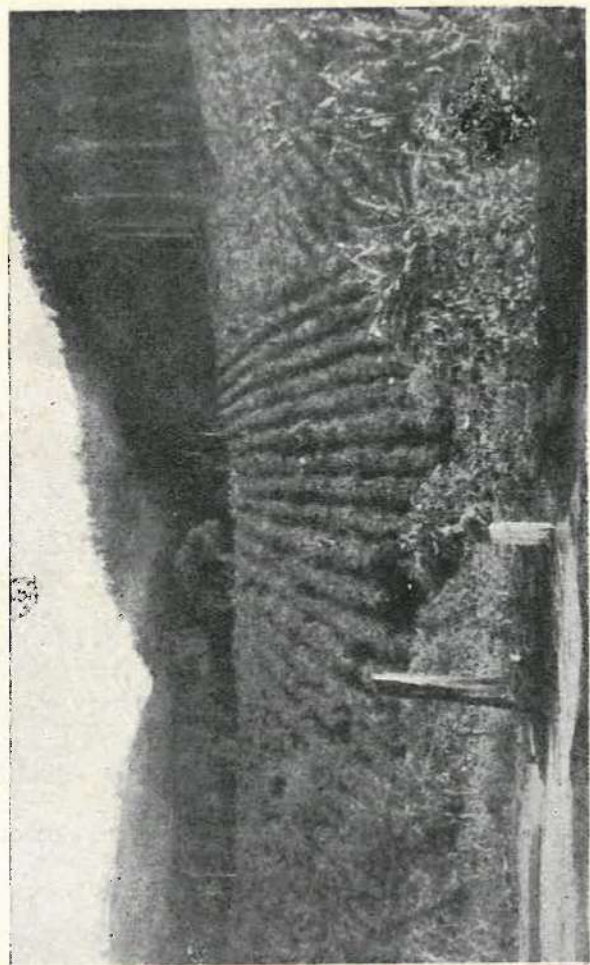


Fig. 20 — Cafesal na fazenda do Leandro, cabeceiras da Vale do Bananal, Resplendor.



Fig. 21 — Escola rural, funcionando num templo presbiteriano — Vala do Bananal, Resplendor.

tanto claro. O resto do corpo corresponde perfeitamente à sua descrição.

- 8) *Tinamus solitarius* — Macuco — Tinamidae.
- 9) *Baryphthengus ruficapillus* — (Juruva) — Mamotidae. Existe na coleção da Escola. Determinação de Miranda Ribeiro.
- 10) *Ceryle amazona* = *Chloroceryle amazona* — Martin pescador grande — Alcedinidae. Existe na coleção da Escola. Determinação de J. Cândido.
- 11) *Rhamphastus dicolorus* — Tucano — Rhamphastidae.
- 12) *Veniliornes cassine* — Picapau meudo — Picidae. Pequena espécie que existe na coleção da Escola com a classificação acima.
- 13) *Celeus flavescens* = *Celeus flavescens flavescens* — (Picapau da cabeça amarela) — Picidae.
- 14) *Penelope supersiliares jacupemba* — Jacú (pemba). Cracidae.
- 15) *Xiphocolaptes albicollis* — (Arapaçu) — Dendrocolaptidae. Existe na coleção da Escola.